



cadernos **IHU** idéias

Getúlio, romance ou biografia?

Juremir Machado da Silva

ano 2 - nº 30 - 2004 - 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente Administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos IHU Idéias

Ano 2 – Nº 30 – 2004

ISSN 1679-0316

Editor

Inácio Neutzling, SJ

Conselho editorial

Berenice Corsetti

Dáris Corbellini

Fernando Jacques Althoff

Laurício Neumann

Rosa Maria Serra Bavaresco

Stela Nazareth Meneghel

Suzana Kilp

Vera Regina Schmitz

Responsável técnica

Rosa Maria Serra Bavaresco

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Revisão – Língua Portuguesa

Mardilê Friedrich Fabre

Revisão digital

Rejane Machado da Silva de Bastos

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467

www.ihu.unisinos.br

GETÚLIO, ROMANCE OU BIOGRAFIA?

*Juremir Machado da Silva*¹

Este não será um ensaio acadêmico com notas de rodapé e bibliografia. Será apenas o inventário de uma aventura intelectual e artística que consumiu mais de três anos da minha vida. Será, portanto, um depoimento e um balanço, a ocasião de olhar para trás e juntar os cacos de uma pesquisa feita com paixão. Será, também, a oportunidade de perguntar: como foi possível para mim escrever o romance *Getúlio* (Record, 2004) em meio aos percalços da vida cotidiana? Por que um romance, e não uma biografia?

O que é um romance? A pergunta poderia ser respondida com alguns volumes de referências bibliográficas sobre o tema. De algum modo, num sentido trivial, imagina-se a forma romance em sua versão francesa do século XIX. Nada mais legítimo e verdadeiro. Ainda assim uma versão francesa mais corriqueira, o romance linear, com os fatos acontecendo em ordem cronológica, tudo com início, meio e fim. A narrativa ficcional é uma convenção e, como tal, evolui sem parar. Cada vez que os leitores habituem-se a um modo narrativo, ele pode ser superado. Nesse sentido, certas conexões não são mais necessárias. Ficam subentendidas.

Mas se poderia também invocar o exemplo contrário, o romance modernista do século XX. Há quem diga que a filosofia inteira não passa de um tipo especial de romance, a ficção de idéias, a formulação literária de sistemas abstratos, puro jogo de palavras. Não cabe tentar esgotar a questão, visto que ela é, felizmente, inesgotável. Melhor arriscar uma definição: romance é uma forma de contar uma história, não, necessariamente, a in-

1 Juremir Machado da Silva é professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. Doutor em Sociologia pela Universidade Paris V, René Descartes, Sorbonne, onde foi orientado por Michel Maffesoli. Pesquisador do CNPq. Romancista, ensaísta, tradutor e jornalista, publicou, entre outros livros, **Anjos da perdição – futuro e presente na cultura brasileira** (Porto Alegre: Sulina, 1996 – *Le Brésil, pays du présent*. Paris: Desclée de Brouwer, 1999), **A Miséria do jornalismo brasileiro** (Petrópolis: Vozes, 2000) e **As Tecnologias do imaginário** (Porto Alegre: Sulina, 2003). Última obra: **Getúlio** (Rio de Janeiro: Record, 2004).

venção dessa história. Romance é um procedimento narrativo (multiforme), pautado pelo cruzamento de emoções, de acontecimentos (por menores que sejam), de personagens e de expectativas quanto ao desfecho, o momento de separação entre autor e personagens, leitor e autor, leitor e personagens.

Romance é uma narrativa. Em termos banais, compreende-se o romance como a liberdade de dar asas à imaginação. Nada mais correto. A liberdade da imaginação, porém, não precisa acontecer somente no plano da invenção de um conteúdo (intriga), mas pode ocorrer, também, no modo de organização e de apresentação dos episódios de uma história, inventada ou não. O romance, diferentemente do ensaio ou do texto científico, encontra a sua verdade profunda num certo distanciamento em relação às verdades objetivas da observação e da demonstração. Trata-se de um mergulho na subjetividade, na emoção, nas possibilidades históricas e no universo passional de um assunto ou dos personagens nele envolvidos. O romance põe em situação. Encena. Dramatiza. Dá voz. Trama. Faz acontecer.

Um romance histórico, muitas vezes, é simplificado como história romanceada. Há na palavra “romanceado” um tom pejorativo, algo pela metade, água no vinho, vinho na água, diluição, deturpação da pureza de uma forma, nem História nem romance, um híbrido, um aleijão, um atestado de fracasso diante, ao mesmo tempo, da historiografia e da ficção. Um romance histórico pós-moderno situa-se aquém e além dessa perspectiva. Apresenta-se como um romance sem tirar nem pôr. Coloca em cena personagens históricos e criaturas de ficção. Mescla-os, faz com que interajam, convida o leitor a assinar um contrato de risco, de desafios e de aventuras. Um contrato de fruição de verdades complexas, sempre na fronteira do real com o irreal.

Escrevi meu romance *Getúlio* depois de muito pensar sobre este paradoxo: as biografias mentem; só o romance pode dizer toda a verdade. Um biógrafo quase sempre resvala, em algum momento, para a construção discursiva de uma possibilidade. Não raras vezes, são descritos os últimos pensamentos do biografado antes de morrer. Num terreno aceitável, o historiador vira escritor e o biografado, personagem. Preferi a aposta total na forma romance. Nela, o escritor pode usar as armas do historiador, do jornalista, do detetive, do antropólogo, do sociólogo da cultura e até do colecionador de anedotas.

Getúlio é o resultado da leitura de 186 livros, de três anos de pesquisa em arquivos, de 73 entrevistas com remanescentes da Era Vargas e de um mergulho profundo na alma de um homem. O objetivo era um só: entender a trajetória extraordinária desse gaúcho que foi, na primeira fase da sua carreira política, um representante das elites conservadoras do Rio Grande do Sul, como deputado pelo Partido Republicano Rio-Grandense, e do Brasil, como ministro da Fazenda do presidente Washington

Luís; mas que foi, em seguida, um revolucionário, líder, em 1930, da revolução que se tornou o maior divisor de águas da História Brasileira – antes e depois de 1930.

Getúlio Dornelles Vargas, natural de São Borja, que, depois de tomar o poder central pela revolução, tornou-se presidente provisório, presidente constitucional, eleito indiretamente, em 1934, de acordo com a nova Constituição, ditador, em 1937, déspota esclarecido do Estado Novo, até ser deposto por seus antigos amigos militares, em 1945, como sobra de guerra, vestígio de uma época totalitária que a vitória dos aliados contra a Alemanha, a Itália e o Japão, de resto com o apoio do próprio Getúlio e da Força Expedicionária Brasileira, devia sepultar e não deixar marcas na periferia de um novo mundo de liberdade.

Compreender Getúlio Vargas, o ex-ditador exilado no pampa, o grande eleitor que, mesmo retirado, garantiu a eleição do seu sucessor, Eurico Gaspar Dutra, e, passados quatro anos, voltou nos braços do povo, como líder de massas, para reassumir o poder no Rio de Janeiro e dar continuidade ao seu projeto nacionalista e de modernização conservadora do País. Compreender Getúlio, o homem que, em 24 de agosto de 1954, disparou um tiro contra o próprio coração e saiu, conforme a carta que deixou, da vida para entrar na história, embora seja possível afirmar que saiu da história, onde já se encontrava, para entrar no mito, esse lugar, ou não-lugar, aquém e além da história, espaço do sonho, das idealizações, do irrefutável, da transparência total e da “conciliação de antagonismos”.

Fazer da História um romance. Fazer do romance uma história. Transformar um protagonista em personagem. Sair de Vargas para entrar em Getúlio. A pesquisa fez emergir uma boa dúzia de novidades históricas: 1) o mandante do crime da rua Tonelero e suas motivações profundas e pessoais (Lutero Vargas e o caso Ingeborg ten Haeff); 2) A verdadeira conversa entre Getúlio e o seu irmão Bejo pouco antes do suicídio do presidente; 3) A verdadeira conversa, na estrada Rio-Petrópolis, entre Bejo e Gregório Fortunato, o chefe da Guarda Pessoal de Vargas, envolvido no atentado da rua Tonelero contra o jornalista Carlos Lacerda, dias depois do crime que matou o major-aviador Rubens Vaz, guarda-costas voluntário de Lacerda, e detonou os dezenove dias que abalaram o Brasil e terminaram com o tiro no coração do “pai dos pobres”; 4) A verdadeira conversa entre Carlos Lacerda e o vice-presidente da República Café Filho dias antes do 24 de agosto; 5) O papel de Francisco Campos, ex-colaborador de Getúlio, na sua desestabilização em 1954; 6) O balanço de uma época feito por Getúlio Vargas e Góis Monteiro na Clínica São Vicente, no Rio de Janeiro, onde o militar estava internado; 7) A tendência de Getúlio para o suicídio; 8) O papel dos americanos como fornecedores de informações difamatórias para Carlos Lacerda bombardear o governo Vargas; 9) A

intimidade do homem Getúlio Vargas (a Bem-Amada e os segredos de alcova do presidente); 10) A verdadeira história do bilhete encontrado pelo major Hernani Fittipaldi, dias antes da morte de Getúlio, no qual o presidente despedia-se da vida.

Do sobrenome ao homem

Desvendar os mistérios de uma vida e dar sentido a uma trajetória de grandes acontecimentos exigia mergulhar nas origens da família Vargas, a começar por este sobrenome: Vargas. Sabe-se que o sobrenome de um grande homem pode começar com uma pequena vingança de mulher abandonada. Getúlio Dornelles Vargas, o gaúcho que, como se sabe e nunca é demais insistir, mudou o Brasil com uma revolução (1930), uma ditadura (1937-1945) e o próprio suicídio, num regime democrático, em 24 de agosto de 1954, devia chamar-se Getúlio Dornelles Bueno. O maior político da história brasileira nasceu numa família de guerreiros, “tauras”, acostumados a lutar nas coxilhas, em nossas guerras civis ou de fronteira, bisneto de um desgarrado, um certo Francisco de Paula Bueno, que largou a mulher e perdeu-se nesse Rio Grande de Deus com uma “china” na garupa do cavalo. Ana Joaquina, a esposa traída, puniu o marido negando-lhe o nome aos filhos. Seriam apenas Vargas.

Pior para os Bueno. Evaristo Vargas, filho de Francisco Bueno, tocou a vida como pôde. Meteu-se na Revolução Farroupilha. O seu filho Manoel do Nascimento Vargas encontrou outras peleias para se fartar: a Guerra do Paraguai e a Revolução Federalista de 1893. Virou general. Era um tempo cruel e divertido, de bravuras, degolas e saudades. Manoel Vargas, no retorno do Paraguai, mudou-se para São Borja, casou-se com uma moça rica, Cândida Dornelles, a Candoca, e tornou-se fazendeiro de boas posses. Tiveram uma menina que não vingou e cinco varões: Viriato, Protásio, Getúlio, Espártaco e Benjamim.

Getúlio, que nasceu no coração da “savana verde”, no umbigo do pampa, a Fazenda Triunfo, cresceu esquisito, ensimesmado e arredio. Gostava de ler e de esconder-se no alto dos galhos de um umbu. Espichava o ouvido para a conversa dos mais velhos sobre política. Ninguém poderia imaginar que seria quase tudo na vida. E tanto que vale repetir: deputado estadual e federal, ministro da Fazenda de Washington Luís, presidente do Rio Grande do Sul, revolucionário, presidente do Brasil, eleito pelo voto indireto, ditador e presidente devolvido ao poder pelo voto do povo. Quem sonharia que seria chamado de maquiavélico, calculista, fascista, “pai dos pobres” e tanto mais? Quem poderia prever que passaria de oligarca a revolucionário e que fundaria um partido (PTB) para os de baixo e outro (PSD) para os de cima? Quem poderia prever que se suicidaria para lavar a honra e entrar na História?

Quem poderia atribuir-lhe a frase que um dia viria a proferir com mais uma das suas grandes tiradas de espírito: “Nunca tive amigos de quem não pudesse me separar nem inimigos de quem não pudesse me aproximar”. Quem imaginaria que o menino do pampa faria a revolução com os tenentes, daria um golpe de Estado com os generais, seria derrubado do poder pelo chefe militar da sua revolução, definiria a eleição do seu sucessor, Eurico Gaspar Dutra, como “grande eleitor” exilado em São Borja e voltaria ao poder quando o imaginavam esquecido? Quem adivinharia que, na sua vida de protagonista, entrariam tantos personagens romanescos: o Mandão (Washington Luís), o Corvo (Carlos Lacerda), o Profeta (Samuel Wainer), o Anjo Negro (Gregório Fortunato) e, finalmente, um assassino de aluguel (Alcino João do Nascimento), capaz de sempre errar o alvo encomendado?

Quem pensaria que, na sua vida, haveria uma Bem-Amada, mas também que entregaria uma jovem alemã aos nazistas e despacharia uma suposta “espiã” alemã, mulher do seu filho Lutero, para Nova York? Quem imaginaria que o menino do pampa viria a ser o homem que criaria a legislação trabalhista brasileira e o salário mínimo, daria direito de voto às mulheres, fundaria a Petrobrás, numa vitória nacionalista que ajudou a tirar-lhe a vida, acirrando o ódio dos seus inimigos, e industrializaria o País? Até disparar o tiro no coração que feriu o Brasil e fez nascer um mito. Um homem foi capaz de arriscar um palpite e de acertar no essencial: Pinheiro Machado.

Numa visita ao amigo, coronel Manoel do Nascimento Vargas, o senador gaúcho que mandou na República até ser assassinado em 1915, surpreendeu-se com o interesse de Getúlio pela discussão que travavam. O bruxo da política brasileira saiu-se com esta: “Esse guri vai longe, é capaz até de ser presidente da República”. O velho Vargas gostou. Getúlio sorriu. Sempre sorria. Era a sua forma de expressão e de defesa. Mas o tímido Getúlio queria ser militar. Sentou praça. Chegou a estar na Escola Preparatória de Rio Pardo e não durou lá. Foi expulso em solidariedade à injusta punição de alguns companheiros.

Completo seu serviço militar no 25º Batalhão de Infantaria. Foi enviado a Corumbá para lutar contra a Bolívia, na questão do Acre. A guerra não aconteceu. Decepcionado, voltou-se inteiramente para o estudo de Direito, em Porto Alegre, instalado na Pensão Medeiros, a República Infernal, na rua Riachuelo, 299. Do Seu Medeiros, o proprietário, guardaria uma expressão que usou até o fim da vida, mesmo com os seus ministros da Fazenda: “Não preciso de palavras. Preciso é de fundamentos”. Era a resposta para os que davam muitas explicações, mas não apresentavam os “recursos devidos” e sonantes.

No tempo da Faculdade de Direito, conheceu boa parte dos homens com quem conviveria, aliando-se a eles ou sepa-

rando-se deles, no longo processo de transformação do Brasil. Eram ou seus colegas de curso ou os estudantes da Escola de Guerra: João Neves da Fontoura, Eurico Gaspar Dutra, Góis Monteiro e toda a turma do Bloco Castilhistas. Quem imaginaria o guri encolhido de São Borja, dissolvendo um comício de oposição ao candidato de Borges de Medeiros à presidência do Estado com um tiro? Tiro que ninguém o viu dar e que ele, com seu sorriso habitual e enigmático, nunca confirmou nem negou. Enigmas seriam muitos na sua vida, a começar por uma triste passagem como estudante em Ouro Preto, ainda adolescente, onde seus irmãos Viriato e Protásio meteram-se numa briga na qual morreu o paulista Carlos de Almeida Prado. Teria Getúlio visto o crime? Fora o seu batismo de sangue?

O jovem estudante de direito apaixonado por literatura, louco por Balzac e Zola, que se tornou redator do jornal castilhista **O Debate**, acabou promotor em Porto Alegre. Por pouco tempo. Chegou a pedir, em vez da condenação de um acusado, um coitado, a sua absolvição. O resto veio aos poucos, com longos períodos de internada, advogando em São Borja, ressurgindo como deputado estadual nos meses em que a Assembléia Legislativa se reunia para aprovar o orçamento do Estado, voltando a desaparecer em seus afazeres interioranos. Sempre surpreendia.

Natural de um espaço de divisões que mais pareciam fossos intransponíveis, resumidas na sangrenta oposição entre chingãos e maragatos, Getúlio tornou-se, paradoxalmente, um homem de síntese, equilibrando antagonismos. Chegou a praticar os hábitos da República Velha. Deputado, presidente da Comissão de Verificação das Eleições, depois de contados os votos, foi, com os seus colegas, declarar a Borges de Medeiros a sua derrota. Ao vê-los chegar, o velho abriu os braços e festejou: “Então, vieram me dizer que ganhei mais uma eleição?”. Getúlio e os seus companheiros deram meia-volta e foram tratar de falsificar o resultado para satisfazer o cacique.

Dono de um senso de humor sofisticado e permanente, Getúlio adorava boas frases. As anedotas sobre ele o divertiram ao longo dos anos. Conta-se que uma vez, durante o Estado Novo, foi visitar uma escola no interior de São Paulo. Ao chegar avisaram-lhe que, numa casa próxima, haviam nascido três gatinhos getulistas. Quis conhecê-los. Na casa humilde para onde se dirigiu, a dona dos gatinhos o surpreendeu: “Já não são mais getulistas”. O presidente indagou matreiro: “Por quê?”. A resposta teria arrancado uma das suas famosas gargalhas: “Já abriram os olhos”.

A vida no Rio de Janeiro e no poder nunca apagou as suas lembranças de infância. Quando achava alguém excêntrico exclamava: “Aquele é mais estranho que o meu padrinho Claudino”. Passara alguns dias na estância do solitário Claudino e não

esquecia as manias do homem. Claudino suicidou-se. Getúlio viveu com a morte na alma.

Mulheres

Ao longo da sua vida, porém, soube entregar-se aos prazeres do corpo. Getúlio amava as mulheres. Nos seus *Diários* fala de uma Bem-Amada sem esconder a força do desejo. Virgínia Lane, a rainha do teatro do rebolado, aos 82 anos, retirada na Serra das Araras, no Rio de Janeiro, jura que foi ela a mulher de todas as fantasias do ditador. Diz mais: “Getúlio era muito bom de cama”. Mas a verdadeira Bem-Amada chamava-se Aimée Souto Maior Sá e, quase nonagenária, ainda vive entre Paris e o Rio de Janeiro. Foi ela quem incendiou os dias e a alma do ditador. Getúlio também foi um pai amoroso, muito ligado à filha Alzirinha. O casamento com Dona Darcy teve o seu tempo de chama. Depois, perpetuou-se numa aliança pelo filhos, pela vida, pelo amor. Até nisso, Vargas era um homem do seu tempo.

Muitas outras mulheres cruzaram a vida de Getúlio. Nem sempre pelas razões do coração. Conhece-se a história de Olga Benário, a esposa do comunista Luís Carlos Prestes, deportada para a Alemanha nazista, em 1936, grávida de sete meses. Diz-se que Getúlio a enviou para a câmara de gás. Essa extradição será eternamente deplorável. Mas Getúlio não a enviou para a câmara de gás, pois em 1936 ainda não existiam câmaras de gás, e os governos, democráticos ou não, mantinham todas as relações possíveis com a Alemanha. Isso qualquer historiador europeu sabe. E nada tem a ver com revisionismo ou anti-semiotismo. É puro fato histórico.

Em 1936, ainda não se estava na ditadura do Estado Novo. A Justiça decidiu pela extradição de Olga, que havia conspirado contra o regime de Vargas. Outra tragédia, menos conhecida, é a de Elsa Fernandes, quase uma menina, mulher do secretário-geral do Partido Comunista, o Miranda, que confessou, sob tortura, o nome de companheiros. Solta, foi submetida ao julgamento de um tribunal revolucionário. Prestes podia ter evitado o pior, mas preferiu exigir o contrário: “Revolução tem que ser implacável. Não há que ter piedade, há que julgá-la para servir de exemplo”. Elsa foi condenada e morta por Cabeção, um cão de guarda do partido. O sujeito a esquartejou, meteu no saco e a enterrou no quintal. Por que se fala tão pouco de Elsa, esse presente aos ideais de Stalin?

Outra mulher faz parte dos mistérios da era Vargas: Ingeborg ten Haeff, esposa de Lutero, o filho mais velho de Getúlio. Inge e Lutero conheceram-se em Berlim, em 1939. Casaram-se em 1940, no Brasil. Em 1944, Inge foi despachada para Nova York. Emmanuel Nery, enteado do poderoso Lourival Fontes, o chefe da propaganda do Estado Novo, revelou que Inge foi ex-

pulsa por ser uma espiã alemã. Inge é hoje uma artista plástica consagrada. Vive nos EUA, onde a encontramos para conhecer a sua verdadeira história, uma história que pode estar, sem que ela o desejasse ou tivesse feito algo, profundamente ligada ao atentado da rua Tonelero. Cruzamentos do público e do privado.

O pistoleiro

A vida de Getúlio é um itinerário de poder, solidão e diálogo com a morte. Não é estranho que, ao final, um pistoleiro de aluguel tenha entrada na trama. A história de Alcino João do Nascimento, contratado pelos homens da Guarda Pessoal de Getúlio Vargas para matar o jornalista Carlos Lacerda ainda não foi contada em todos os seus detalhes. Nelson Rodrigues dizia que o Brasil é o único país do mundo onde até as prostitutas se apaixonam. Alcino é o capanga romântico. Míope e, como insiste Armando Nogueira, testemunha ocular do atentado, daltônico. Fora empregado, pelo mesmo homem que o indicou novamente, para matar um homem, na Pavuna, e também despachara outro. Devia atirar num sujeito de calça branca e de camisa azul. Alvejou outro de calça azul e de camisa branca. Tonelero valeu-lhe mais de 20 anos na cadeia, cantando no coral e ajudando na enfermaria. Ainda jura que não matou ninguém.

Aos 82 anos, forte e alegre, Alcino vive em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Quando liguei para ele – depois que o delegado Waldeck, da polícia carioca, o descobriu no seu retiro, com a mão na massa, reformando a casa –, Alcino adotou uma voz de conspiração: “Precisamos resolver isto entre nós”, disse. “Não confio em jornalistas nem em editores. Todos enrolam. Quero 20 mil reais pelo meu depoimento para um livro. Não aceito cheque nem dez por cento sobre a venda. Comigo é assim: uma em cima da outra”. Cheguei a pensar que eu o estava contratando para um servicinho. Resolvi brincar um pouco: “Mas o que o senhor pode fazer para merecer essa grana toda?” Alcino riu gostosamente: “A gente, doutor, sempre guarda uma carta na manga”. Alcino tinha uma teoria para vender.

Ele já havia feito um livro com Palmério Dória e outros jornalistas. Mas garantia ter muito mais para dizer. Fiz-lhe compreender que eu era somente um professor sem dinheiro para comprar informações. Aceitou bem a nova situação e propôs baixar o preço para 3 mil reais. Ri. Acabamos indo juntos, um mês depois, à Rua Tonelero reconstituir o episódio da noite de 4 para 5 de agosto de 1954. Na ocasião, acabou morto o major-aviador Rubens Vaz, guarda-costas voluntário de Lacerda. O jornalista foi ferido num pé. O guarda municipal Sálvio Romero foi baleado numa coxa. O célebre atentado da Tonelero desembocaria, dezenove dias depois, no suicídio de Getúlio Vargas.

Na Rua Tonelero, cabeça branca, manso, Alcino João do Nascimento mostrou como atravessou a rua para, segundo ele, ouvir o que Lacerda dizia. “Não fui lá para matar. A missão era seguir Lacerda. Só isso”. Valente, um dos homens da Guarda Pessoal de Vargas implicados no caso, debochou no seu depoimento: “Alcino não foi lá para matar. Só tinha que dar uma surra de revólver no Lacerda”. Na versão do pistoleiro, Rubens Vaz, ao vê-lo chegar, saltou sobre ele. Lutaram. Ouviram tiros. Vaz caiu. Alcino fugiu na direção da Rua Paula Freitas. Perseguido por Sálvio, atirou nele, acertando-o na perna. Na seqüência, quebrou o vidro traseiro do táxi que o esperava e sumiu na noite de Copacabana. Seu comparsa, Climério, fugira antes pela Hilário de Gouveia, passando até diante da delegacia de polícia. Chegou a conversar com policiais e a despistá-los.

Com sua fala suave de velho malandro, Alcino resume: “Lacerda atirou em Vaz. Bolou o próprio ferimento no pé. Enrolou todo mundo na farinha”. O ferimento ninguém jamais teria visto. O revólver 38 de Lacerda nunca foi periciado, pois ele se recusou a entregá-lo à polícia. Na famosa República do Galeão, para onde foram recolhidos os suspeitos, Alcino garante ter sido torturado até vomitar a alma. “Fizeram de tudo com a gente. Teve até o tal banho aéreo. O pessoal da Aeronáutica fingia que ia jogar a gente de um avião. Isso não me assustava muito. Era bonito ver a Baía da Guanabara lá de cima”. Nunca admitiu ter ido à Rua Tonelero para eliminar o principal crítico do presidente Vargas. Garante que Climério e Gregório Fortunato queriam apenas controlar os passos do Corvo. “A coisa escapou das nossas mãos. Eu atravesssei a rua para ver e ouvir melhor e foi aquela confusão. Ninguém esperava aquela tragédia”.

Alcino orgulha-se de ter entrado, à sua maneira, na História junto com Vargas. A sua carta na manga é a velha tese de que Getúlio foi assassinado. Por quem? “Pelos milicos que o cercavam e queriam a caveira dele. Vargas foi traído”. Nomes? Bom, nomes, aí a gente teria de conversar sobre aquelas 20 mil balas, uma em cima da outra. Ou ler o livro que o próprio Alcino quer escrever e que talvez se intitule *Memórias de um pistoleiro que entrou para a História*. Nem que seja como nota de rodapé.

Trechos de *Getúlio* (Record, 2004)

Quem foi Getúlio?

(...)

– Passei a minha vida odiando Vargas e tentando saber tudo sobre a sua vida e o destino que deu ao Brasil. Nunca entendi para que isso me serviria, mas não pude me controlar. Tive algumas paixões: a pintura, a escultura, três ou quatro homens,

a música e uma paixão negativa, a maldita história de Getúlio Vargas, diz a velha senhora.

– A fraude, na República Velha, era uma praxe. Por outro lado, eram todos administradores honestos. Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros fraudavam eleições, mas não roubavam, responde o homem.

– Tanto faz. Eu nunca acreditei em democracia, em voto, nessas balelas todas. Mas dediquei a minha vida a compreender que Vargas sempre foi uma fraude, do início ao fim, desde o primeiro cargo público como promotor em Porto Alegre.

– Fraude? Vargas mudou a cara do Brasil. Vargas é o sufrágio universal, o voto feminino, a Consolidação das Leis do Trabalho, o salário mínimo, a industrialização do país, a jornada de trabalho de oito horas, férias pagas aos trabalhadores, o fim da monocultura do café, a descoberta e a nacionalização do petróleo, a Petrobrás, tudo que se possa imaginar de bom e de novo, no Brasil, tem a marca de Getúlio Vargas.

– **O senhor sempre foi getulista?**

– Não. Cheguei a conviver com os seus opositores.

– Pois eu entendi Vargas quando me contaram a história da fraude na contagem dos votos da eleição para o quinto mandato de Borges de Medeiros. Aliás, ouvi essa história, muitas vezes, dos próprios familiares de Vargas, que orgulhosamente diziam: “Getúlio, deputado, era o presidente da Comissão de Verificação. Depois de contados os votos, foram declarar a Borges que o velho tinha sido derrotado. Borges, ao vê-los chegar, abriu os braços e festejou: Então, vieram me dizer que ganhei mais uma eleição? Getúlio e os seus companheiros deram meia-volta e foram tratar de falsificar o resultado para satisfazer o velho Borges”. Os adversários, comandados por Assis Brasil, tiveram de voltar a combater nas coxilhas, em 1923, para evitar que Borges morresse no poder. Getúlio só não combateu do lado da ordem, claro, por ter virado deputado federal e sido enviado para o Rio de Janeiro.

O revolucionário que escrevia um diário

(...) Agosto, tempo de mais uma “peleia” na vida de Getúlio Vargas. Também naquele distante 3 de Outubro nenhuma ilusão o dominava. O medo de uns, a hesitação de outros, tudo já o empurrava a lançar a grande pergunta: “Não terei depois uma grande decepção?”. Toda a sua visão de mundo estava ali: a capacidade de antecipação, o cálculo global das ações e das expectativas de todos os envolvidos, a possibilidade da traição, a sua permanente divisão entre o novo e o velho, a renovação e a conservação: “Como se torna revolucionário um governo cuja função é manter a ordem?”. Agosto, mês de lembranças. Naquele primeiro dia de um novo homem, de um novo Brasil, o primeiro

dia da Era Vargas, ele, o homem que agora soçobra na tempestade política, perguntava-se: “E se perdermos? Eu serei depois apontado como o responsável, por despeito, por ambição, quem sabe?”. Ao longo das décadas, o seu espírito ponderado e conciliador seria confundido com o de um hesitante.

Naquela tarde de primavera, 3 de outubro de 1930, em Porto Alegre, cravou na pedra morna do papel uma frase para entrar na história: “Sinto que só o sacrifício da vida poderá resgatar o erro de um fracasso”.

O ditador que amava as mulheres

(...) Sofria quando o seu amor clandestino por alguma mulher acabava, sentindo-se órfão de um sentido que o preenchia e elevava acima da estupidez da política. O diário era o seu único interlocutor: “Após as audiências, retiro-me e vou a uma visita galante. Saio um tanto decepcionado. Não tem o encanto das anteriores. Foi-se o meu amor, e nada se lhe pode aproximar”. Gostava dessa visão romântica das relações, apesar de ser um homem prático e da impossibilidade das grandes paixões de asas abertas ao vento. Assim como na política, o amor, para ele, era decidido em lances subterrâneos. Pouco mais de uma semana depois da anotação anterior, a dor persistia: “Saí apenas à tarde para ir ao ponto de encontro falar ao telefone com a bem-amada”. Uma vez, registrou: “E assim passou-se, para mim, o ano de 1938, tendo uma ponta de amargura por alguma coisa longínqua, que era a minha fina razão de viver”. Quando um caso recomeçava, vibrava com a “notícia consoladora”. E mergulhava nas mesmas sensações juvenis.

Um tiro no pé

(...) Climério não responde. Afasta-se pela Hilário Gouveia, na direção da praia. Passa por um Pontiac escuro. Lacerda e seu filho Sérgio, de quinze anos, depois de uma breve conversa com o motorista, descem do carro branco, estacionado no meio-fio, e não na rampa de acesso à porta do edifício, protegida por dois canteirinhos de flor, conforme as normas de segurança estabelecidas. Vêm de uma palestra no externato mariano São José, na Tijuca, onde o jornalista e candidato a deputado federal pela UDN repetiu seus ferozes ataques aos Vargas.

– Esqueci a chave, diz Lacerda.

Pede a Sérgio que vá chamar o porteiro. O major-aviador Rubens Vaz, escalado para protegê-lo, num esquema de rodízio voluntário entre quatro amigos da FAB, despede-se. Alcino abotoa o jaquetão, avança uns vinte metros, atravessa a rua e, quando Carlos dirige-se para a entrada da garagem, à direita do edifício Albervania, de número 180, dispara o seu Smith & Wesson

45. Passa da meia-noite. Já se está em 5 de agosto de 1954. O tiro ecoa nas ruas tranqüilas de Copacabana. Uma janela se abre. Lacerda dobra-se ligeiramente. Vaz, desarmado, contorna o pequeno veículo e enfrenta o pistoleiro. O combate é difícil. Magro e escorregadio, Alcino tem a vantagem da arma na mão, mas Vaz é corajoso, forte, treinado e tem a posição de ataque. Alcino dispara novamente. Caem. Mal se ergue, o pistoleiro atira mais uma vez contra o segurança que lhe deu uma chave-de-braço. Outro tiro, vindo de outra posição, mais distante, da esquina da Hilário de Gouveia, arranca lascas do muro. Alcino foge para a Paula Freitas, que desemboca na Tonelero, no lado oposto ao da Hilário, uns trinta metros apenas do local de onde travou o seu combate com o homem de amarelo.

Há movimento na rua. Um carro aproxima-se. Carlos Lacerda ressurgue e também atira, com seu 38, cano curto. Alcino já está na Paula Freitas. Um guarda municipal, vindo do 4º DP, muito próximo dali, ordena que pare. O sangue ferve-lhe, embora se sinta frio. Nada mais há a perder. O 45 pesa-lhe na mão. Derruba o policial com um tiro na coxa. A porta do táxi à sua espera, um studebaker preto, não abre. Entra pelo vidro de trás e sussurra: “Pé na tábua”. O motorista não o conhece, pois aguarda Climério, mas entende a situação e acelera. As balas do guarda Sálvio Romeiro atingem a traseira do veículo placa 5-60-21. Nelson Raimundo acelera e perdem-se no labirinto carioca.

O atentado, planejado para acontecer no colégio da Tijuca, está consumado. No chão, banhado de sangue, o corpo do major Rubens Tolentino Vaz, 32 anos, destacado para dar proteção a Lacerda em substituição a um colega. Junto ao cadáver, Carlos Lacerda, aparentemente ferido no pé esquerdo. Próximo dali, já brilham as luzes do carro do jornalista Deodato Maia, do Diário Carioca, acompanhado pelos colegas Armando Nogueira, morador do prédio ao lado, e Otávio Bonfim. Os estampidos cessaram totalmente. Um inspetor, na frente do Distrito Policial, pergunta a Climério: “Foi tiro?”. Não lhe sai a voz. Por fim, diz: “Acho que sim”. Afasta-se.

O mar de lama

Tudo agora lhe chegava aos ouvidos, principalmente o conteúdo das reuniões secretas, numa delas, com aclamação de Eduardo Gomes, batizado de “chefe incontestável da Aeronáutica”. A sordidez é contagiante e aqueles que devem defendê-lo – Guilhobel, ministro da Marinha, Fiúza de Castro, chefe do Estado-Maior do Exército, Ivan Carpenter, chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, e mais Eduardo e Juarez, comandante da Escola Superior de Guerra, decidem convencer Zenóbio a abandoná-lo, acenando com a continuidade no cargo, num governo de Café Filho, ou, quem sabe, por que não?, com uma ditadura

provisória sob o seu comando. Ali tudo se acabou, o cano de esgoto soltou merda para todo lado, o absurdo se converteu em normalidade, e o vento norte se transformou em respiração.

A festa é completa. Está velho. Não tem forças para visitar a bem-amada. Todos pensam em traí-lo ou já o fazem à luz do dia. Lacerda o acusa de esconder os criminosos e ataca Tancredo por não ter querido “incomodar o presidente” quando tomou conhecimento do nome de Climério. Denuncia a conspiração para dar fuga aos criminosos. Há, nesse 10 de agosto de 1954, um retorno do passado, nas páginas da Tribuna da Imprensa, sob a forma de carniça: “Quatro crimes de morte na vida pregressa de Vargas”. E lá estavam, descosturados, falsificados, requeentados, o caso de Ouro Preto, o assassinato de Aureliano Coutinho, o atentado contra os índios inhacorá, o caso de Benjamim Torres. E tudo volta, aqui ou ali, na Tribuna ou fora dela, uma compra de Rolls Royce, a Última Hora, Jafet, um carro para o piloto Chico Landi, presente de empresários, entre os quais o próprio Jafet, atribuído a ele, Getúlio, através do Banco do Brasil. Tudo era ele. E ele já não era, talvez, mais nada, ou somente um presidente liquidado, uma sombra cansada.

Guerra de manchetes

(...) Amanhece. O Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura prevê para todo o dia, no Rio de Janeiro, tempo instável, sujeito a chuvas, temperatura estável, ventos de Sul a Leste fracos, máxima de 26°1, mínima de 19°3. Nas areias do Flamengo, um bêbado canta o conhecido samba de Donga, “Pelo telefone”. Empaca em “o chefe da Polícia mandou me avisar...” Volta a dormir. A primeira tiragem da Última Hora estampa: “Tranqüilo o Catete – O Brasil escapa da Guerra Civil”. O segundo clichê profetiza: “Vargas não cederá nem à violência, nem às provocações, nem ao golpe! SÓ MORTO SAIREI DO CATETE”.

O movimento na sede da Presidência da República começa cedo, embora sem nenhuma intensidade. Segunda-feira, normalmente, é dia de poucos acontecimentos no Palácio do Catete. Ainda assim, o ministro Guilhobel é o primeiro chegar. A Tribuna da Imprensa já provoca discussão nos cafés das imediações do Largo Machado com seus títulos corrosivos: “OS BRIGADEIROS REUNIDOS – DECISÃO UNÂNIME – RENÚNCIA DE VARGAS” e “todos os criminosos sabiam que Lutero era o mandante”. Em casa, navalha de barbear na mão, Zenóbio da Costa acalma a imprensa, assegura que não haverá golpe e anuncia a presença de Getúlio Vargas nas comemorações do Dia do Soldado, em 25 de agosto. Quando Paulo Amato entra numa padaria da rua Ruy Barbosa para tomar café, como se não tivesse dormido, a pele macilenta e os olhos inchados, o proprietário jura-lhe que o Estado de Sítio será decretado ao longo do dia, “as rádios estão dizendo”...

Um tiro no coração

(...) Vem-lhe, então, à mente a frase anotada vinte e quatro anos antes, numa tarde de primavera, 3 de outubro de 1930, no seu diário de revolucionário com a faixa de presidente de Estado: “Sinto que só o sacrifício da vida poderá resgatar o erro de um fracasso”. Agosto..., pensa. Já comi muita carne, pensa. Segura o revólver, calibre 32, cabo de madreperla, leva-o dois dedos abaixo do mamelão esquerdo. Chegara num 24. Partiria num 24. Respira fundo, muito fundo. Se não posso impedir o golpe como homem, eu o farei como cadáver, pensa. A mão treme-lhe por um segundo, antes de petrificar-se numa decisão sem volta. É o último lance. Dispara. Um tiro no coração! Abre-se um orifício no pijama listrado.

São 8h35min de 24 de agosto de 1954, dia de São Bartolomeu e do nascimento, em 1918, de Getulinho. Em 29 de outubro de 1945, o mesmo dia, nove anos antes, da morte da sua mãe, fora deposto por seus generais. Na sua longa carreira, vencera duas eleições diretas: a primeira, em 1930, fora invalidada pela fraude e revalidada pela força das armas; a segunda, em 1950, sofrera todas as tentativas possíveis de fraude, com a patética discussão sobre a falta de maioria absoluta, e terminava, agora, pela força de uma só arma. Na rua do Catete, as pessoas, subitamente despertadas, caem de joelhos e choram pelo presidente “assassinado”.

<p>O tema deste caderno foi apresentado no IHU Idéias, dia 26/08/04.</p>
--

DEBATE

Participante – Getúlio era, essencialmente, um pragmático, obcecado pelo poder e pela manutenção do poder. Ele não era um homem motivado por ideologias. Eu tenho percebido que as matérias veiculadas, quando dos 50 anos do seu desaparecimento, por revistas e jornais, pela grande mídia, têm ocultado aquele lado que tu mencionaste, o lado da ditadura. Na verdade, Getúlio é uma figura fascinante, porque foi um grande realizador, o homem que organizou a indústria, que lançou os alicerces da industrialização brasileira, mas existe também o político que amarrou a imprensa, que fechou o Estado de São Paulo, que criou o DIP... Eu concordo com muitos articulistas, inclusive com Elio Gaspari, que falam do perigo de se passar para as gerações vindouras a imagem do grande estadista do século XX, dissociada da imagem do ditador que se manteve durante tanto tempo no poder, lançando mão desses instrumentos.

Pe. José Roque Junques – O projeto de modernização conservadora do Getúlio é de uma pessoa só, ou ele representava um grupo que estava atrás deste projeto?

Participante – É uma pergunta referente às perseguições (não sei se podem ser chamadas assim) a certos grupos étnicos durante a ditadura: alemães, italianos, japoneses, descendentes destes grupos. O filho de Getúlio, Lutero Vargas, recebeu o nome do reformador alemão. Há alguma coisa em relação ao reformador? Getúlio tem uma simpatia por ele ou não? Por outro lado, Getúlio tinha um alemão, o Filinto Muller, um chefe de polícia, como colaborador. Como se entende essa oposição aos alemães?

Juremir Machado – É por aí mesmo. Olha, só o Getúlio é acusado de ter sido pró-nazista, de ter flertado com nazismo, de ter sido muito influenciado pelos fascismos europeus, a carta de Lavoura e tudo o mais, e foi quem mais reprimiu os focos nazistas no Brasil. O Partido Nazista Brasileiro era muito forte. Há um dado, dizendo que, fora da Alemanha, era o partido político mais forte, mais organizado, que tinha o maior número de filiados. O que Getúlio fez foi sufocá-lo completamente. Getúlio tinha, no seu grupo, vários germanófilos, inclusive entre seus ministros. Isso mais uma vez nos demonstra que quem mandava era o Getúlio,

porque, no momento em que ele considerava que era preciso reprimir, ele reprimiu, passando por cima de Filinto Muller, Eurico Gaspar Dutra, Gois Monteiro, de todos aqueles que pudessem ter alguma tendência germanófila. Ele, realmente, desmontou os focos do nazismo. Ele estendeu a força aos imigrantes. Sabemos que, nas primeiras décadas dos anos 1930, nas regiões de colonização alemã, a língua alemã dominava nas escolas. Getúlio impôs o português como língua obrigatória, como maneira de integrar pela força, se pode dizer assim entre aspas. Ele decidiu pela construção de uma nação, era a sua grande obsessão. Uma nação precisava de uma língua forte. O projeto de unificação nacional para ele passava pela língua portuguesa. Era uma maneira de integração das várias etnias. Foi uma das mais bem sucedidas do mundo, se formos pensar que países como a França estão até hoje tentando realmente integrar os vários pedaços. Nós, não, é um Brasil só. Ninguém vai encontrar hoje alguém de origem alemã, italiana ou japonesa no Brasil que não se sinta brasileiro, pode cultivar as tradições, etc., mas é brasileiro. A consolidação deste projeto nacional, boa parte dela é o resultado do Estado Novo, um pouco pela força também, mas funcionou. Então, acho que Getúlio, muitas vezes, foi realmente articulador. Ele queria que os americanos pagassem parte das contas dos seus projetos, por exemplo, o projeto da siderurgia. Ele fingia estar muito próximo da Alemanha para que os alemães paguem o que ele acha que deva ser pago, e quando os alemães dão o que ele quer, ele entra na guerra com os seus aliados. Era um bom negociador. Ele sabia o que fazer para obter o que ele considerava importante. Eu acho que o projeto dele é nutrido por muitos auxiliares. Ele ouvia muitos auxiliares da área econômica até o fim. Na hora de criar a Petrobrás, muitos auxiliares, realmente, ajudaram a construir este projeto, mas o projeto, digamos assim, na sua essência, é dele, porque mudaram os colaboradores, passou o tempo, mudaram as situações de governo, e ele seguiu sempre com o mesmo projeto. O mesmo aconteceu com os projetos de construção da Unidade Nacional, de modernização, de integração, das camadas mais desfavorecidas numa idéia de nação, isso ele não abandonou, ele fez isso na ditadura, no governo democrático, ele esteve sempre no mesmo caminho. Claro que ele precisou se adaptar às conjunturas, à época, virar um pouco mais à esquerda, outras não, no fundo ele esteve sempre entre o centro direita e o centro esquerda, ele nunca esteve, realmente, nos extremos. Embora, muitas vezes, ele estivesse cercado de colaboradores, um pouco mais à esquerda ou um pouco mais à direita ou, às vezes, até de extrema direita, eu não creio que estes colaboradores tenham conseguido realmente definir o seu projeto. Eu acho que este era um projeto dele e que frustrava, já na base, os seus principais aliados. Lindolfo Collor, João Neves, Borges passaram para o lado dos

paulistas em 1932, porque eles esperavam de Getúlio, na verdade, um representante da oligarquia, que estava em luta apenas contra a oligarquia cafeeira paulista, só isso. Getúlio foi mais longe, mostrou em 1932 que ele tinha um outro projeto, e não só o projeto das oligarquias mais renovadas do País, que pretendia incluir também a população desfavorecida, e isso a turma do João Neves, do Borges de Medeiros não tinha pensado e também não lhes interessava.

Participante – Eu acho que sou o único que já leu o livro, porque saiu agora. Tive o privilégio de lê-lo. Fui até incumbido de resenhá-lo junto com outros para a *Folha de S. Paulo*: saiu no sábado *Esfinge de Getúlio Vargas e os seus decifradores*; de Hélio Silva, um livro bem reeditado, um clássico, um livro extraordinário, *Um tiro no coração*; o que saiu agora no Rio de Janeiro de Ronaldo Conde Aguiar, *Vitória na Derrota. A morte de Getúlio Vargas*, interpretando o suicídio de Vargas como altruísta, e não suicídio egoísta; e o livro do Juremir. Então vou falar quatro, cinco linhas sobre cada um deles,. Eu poderia redigir quatro tomos, porque tenho um material excelente. O Juremir fez um trabalho absolutamente notável. Eu não vou nem discutir se é romance, se não é romance... É um texto em que ele reforça o mito do mito. Ele não quis decifrar. Nesse sentido, é engraçado, é um decifrador que não decifra, e o tempo todo se percebe isso, não porque eu não queira, mas porque é indecifrável e porque é bom que não se decifre, para o povo e para o País. É um livro extraordinário, diferente de livros existentes, como o do Moraes, que são livros “televisáveis”. O livro dele não. É um livro problemático, uma vez que Getúlio é um herói problemático. Talvez venha daí o seu fascínio pelo personagem. Getúlio é um personagem, ele é a encarnação do romance, como personagem problemático, que está inadaptado, que busca valores autênticos num mundo, onde é impossível encontrar estes valores. Eu fiquei espantado, porque eu pensava que o escritor fosse um velho, e quando eu abri o livro, vi a foto, vi um guri. Como é que este garoto foi entrar em uma seara desta que requer muito tutano intelectual? Não é para qualquer um tocar neste assunto, não é só em termos de genialidade não, é porque é difícil. Há três décadas, tivemos uma educação antigetulista. Eu conheço pouca gente no mundo universitário que não fale o tempo todo bobagem, quando abre a boca para falar do Getúlio. Eu me irrita. Já cometi barbaridades pelo Brasil afora, quando ouço o sujeito falando, mando estudar. A mesma coisa é falar sobre o Brizola. É um personagem histórico, tem que estudar, ler, refletir. É o caso deste livro, que é denso, porque é pesquisado. Ele ouviu. Ele foi lá no Rio de Janeiro, que é um lugar que ele adora. Percebemos no livro dele a paixão pelo Rio de Janeiro. É impressionante. Eu gostaria de enfatizar: Getúlio ficou mais opaco, no bom sentido da coisa, esta transpa-

rência, palavra que está na moda, embora eu ache até de uma certa antipatia, porque certas coisas têm que ficar meio sombreadas, na neblina. “Amor é neblina”, como dizia o João Guimarães Rosa. Assim, eu acho que você botou uma neblina no velho Gegê, o livro é uma bela neblina, claro que se você tirasse a neblina, você poderia ficar rico, poderia fazer uma novela, você iria comprar jatinho, mas não é o caso... É uma pena que eu não possa escrever isto na *Folha*, eu não tenho espaço. Mas eu gostaria de fazer este elogio, porque ele merece. Agora tem também o seguinte: como eu sou brizolista fanático, pós-brizolista fanático, eu notei, como eu não conhecia ainda a figura, eu fiquei imaginando isso no avião, foi engraçado, ele gosta de Getúlio, mas não gosta tanto assim do Jango e do Brizola. Eu gostaria que ele falasse. Eu percebi, como leitor, que este guri gostava mais do Getúlio do que do Jango e do Brizola. Agora eu viro avalista do Jango. Então você concorda?

Juremir Machado – Eu acho Jango fabuloso eu até pretendo escrever um dia um livro sobre o Jango. Eu sou da fronteira, e o Jango é o mais típico homem da fronteira: gostava de cavalos, mulhereço, cachaceiro, dono de cabaré... O Jango é maravilhoso. Dizem que o Jango era um presidente fraco. Não era não. Era um sujeito inteligente, que encarnava, realmente, o homem da fronteira, e ele ainda tinha uma delicadeza que o tornava um personagem especial, ele não era um fanfarrão, por exemplo, como o próprio Getúlio Vargas. Eu acho Jango realmente fabuloso. Eu tenho um romance que se chama *Fronteiras* e um dos personagens se chama Janguinho, que é uma homenagem ao Jango. Do Brizola eu posso dizer duas coisas: do meu apreço por ele; em 1989, votei nele no primeiro turno. Nunca fui um pedetista, mas votei no Brizola por ele, por ele ser um personagem histórico, por ter admiração pelo jeito dele. Acho que o Brasil perdeu uma pessoa especialíssima. Fiquei feliz, porque o Brizola morreu em um momento em que estava, digamos, “por cima”. Ele morreu fazendo uma crítica coerente, de acordo com o que está acontecendo no Brasil, e posso dizer, em minha defesa, do meu apreço pelo Brizola que eu fui ao Rio de Janeiro para entrevistá-lo no dia da sua morte. Ele morreu no domingo, eu cheguei no sábado, liguei para casa dele, tinha uma entrevista marcada. Disseram-me que esperasse até segunda, porque ele estava um pouco adoentando, e ele morreu antes de eu realizar a entrevista. Eu fui lá para entrevistar o último herdeiro conseqüente de Getúlio.

Participante – Então vamos redigir um livro, chamado “Briza”. No livro, tem lá uma referência ao Jango / Brizola, dos quais fala pouco. Veja a importância também de conversar.

Juremir Machado – Antes de escrever o livro sobre o Getúlio, eu meditei bastante se não faria um livro antes sobre o Jango. Cheguei a pensar em escrever uma biografia do Jango. O próprio Décio Freitas não gostava do Jango e não gostava do Brizola. Eu até já te falei da briga deles por causa de uma mulher em Montevideu. Normalmente, terminam em mulher estas histórias.

Participante – Vamos, também, trazer aqui o nosso Glauber. Tu falas que o Jango e o Getúlio eram mulherengos. O mulherengo é pejorativo, e o Jango e o Getúlio não eram mulherengos, eram “mulherófobos”, aliás, um detalhe, a ditadura de 1964 eliminou a mulher. Eu imagino o Castelo Branco saindo para transar no mato. Se isso é “concebível”, 1964 seqüestrou a “anima feminina”, olha que loucura, quer dizer, o trabalhismo foi “mulheróforo”, e a ditadura de 1964 foi “lisonjeba”. Olha que belo ensaio, hein! professor?

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDÉIAS

- N. 01 – *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel.
- N. 02 – *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert.
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Ane-marie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss.
- N. 03 – *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó.
- N. 04 – *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.
- N. 05 – *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch.
- N. 06 – *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 – *Mundos televisivos e sentidos identiários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp.
- N. 08 – *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte.
- N. 09 – *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos.
- N. 10 – *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo.
- N. 11 – *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi.
- N. 12 – *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi.
- N. 13 – *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert.
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt.
- N. 15 – *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel.
- N. 16 – *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krischke Leitão.
- N. 17 – *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri.

- N. 18 – *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida.
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo.
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior.
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção social* – Profa. Dra. Lucilda Selli.
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio.
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rodhen.
- N.24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini.
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário.
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS. Rosa Maria Serra Bavaresco.
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco.
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes.
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof^o MS. José Fernando Dresch Kronbauer.